

INDÚSTRIA

Colada ao sucesso

A Colquímica Adhesives firmou um pé nos Estados Unidos da América este ano, mercado que deverá representar um terço da sua faturação já em 2025. A empresa de Valongo, que tem os irmãos João Pedro e Sofia Koehler ao leme, garante que ser de cariz familiar é uma das suas mais-valias e continua de olhos postos no crescimento

Texto **Margarida Vaqueiro Lopes**
Fotos **Lucília Monteiro**

É com um sorriso no olhar – os outros ficaram para mais tarde, quando retirámos as máscaras para almoçar – que somos recebidos nas instalações da Colquímica, na zona industrial de Valongo. Primeiro, João Pedro, o CEO da organização, depois, Sofia, a vice-presidente, chegam bem-dispostos, enérgicos e com os telefones na mão, prontos para responder a qualquer urgência que possa surgir. A empresa que lideram está atualmente em três países distintos, com fábricas que representam uma capacidade de produção de colas in-

dustriais superior a 60 mil toneladas anuais: Portugal, Polónia e Estados Unidos da América.

A entrada no continente americano aconteceu em março deste ano, quando se assinalava um ano de pandemia, e representou um investimento de 12 milhões de euros por parte da empresa nacional. Um movimento que João Pedro e Sofia, donos em partes iguais da Colquímica, fundada há 65 anos pelos seus pais, apelidam de natural. “É uma forma de estarmos mais próximos dos nossos clientes e de reforçarmos a nossa presença naquela geografia.” Os planos para inaugurar a

fábrica nos EUA começaram há cerca de cinco anos, pelo que esse tempo foi passado a fazer prospeção de mercado, a escolher a melhor localização para instalar a unidade e a conseguir as autorizações necessárias para o fazer. “A Carolina do Norte pareceu-nos ser um estado interessante, até porque há muitos incentivos ao nível dos impostos, o que o torna muito apelativo em termos de investimento”, explica João Pedro. “É apelativo até para contratar pessoas. Nós temos alguns colaboradores da zona de Nova Iorque que ficam encantados com as nossas condições. Não só é um privilégio viver na Ca-



Quando trabalhamos um novo desenvolvimento, temos sempre como premissa encontrar soluções mais sustentáveis”

Sofia Koehler

Vice-presidente da Colquímica

rolina do Norte, onde as condições das casas são de muito maior qualidade e onde os invernos são muito menos rigorosos, como o custo de vida é muito mais baixo”, acrescenta Sofia.

No ano passado, a Colquímica garantiu um crescimento de 2% em volume de vendas, o que ajudou a que tivesse mantido praticamente inalterada a sua faturação, registando uma quebra de apenas 0,5%, no que se refere a valor. A explosão do comércio online foi uma das grandes alavancas da manutenção da atividade da firma, porque o facto de a grande maioria das compras ter passado a ser feita em regime digital levou a um aumento significativo de necessidades de embalagens, que por sua vez usam colas da Colquímica. “Na verdade, foi um bom ano para nós”, dizem, quase como que a pedir desculpa.

Quando lhes pedimos que expliquem, como se fôssemos crianças de 4 anos, o que fazem exatamente os produtos da empresa, Sofia solta uma gargalhada e pede que pensemos nos bastões que são comumente vistos nas pistolas de cola quente. “É a melhor referência para perceber como a cola sai daqui, embora o faça noutros formatos, também.”, exemplifica.

Especialistas em colas industriais, apontam as gigantes Henkel (Alemanha), H.B. Fuller (EUA) e Bostik (França) como as suas principais concorrentes – “essas empresas pequeninas”, atira, bem-disposto, o CEO da Colquímica –, mas sem qualquer sentimento de angústia ou inferioridade. Para João Pedro e Sofia o caminho faz-se caminhando, e estão seguros daquele que a empresa que têm em mãos está a seguir.

NO TOPO DA INOVAÇÃO

A Colquímica, fundada em 1953, tem a capacidade de produzir várias tecnologias poliméricas que resultam em formatos de cola industrial aplicáveis a fins tão diversos como lençóis cirúrgicos, fraldas, livros ou as já referidas embalagens. Uma das mais recentes inovações, em testes quando a EXAME visitou a fábrica, é uma cola que se destina a unir latas de refrigerante ou cerveja e que substitui as tradicionais juntas de plástico e dão forma aos packs que se encontram à venda nos supermercados. Ali, testam-se todos os tipos de utilização das colas até à exaustão, explica a

engenheira Cristina Frutuoso. Há máquinas a simular o folhear de livros – nem sempre delicadamente –, outras a mimetizar os movimentos que podem ser feitos por um bebé que utiliza fraldas, para garantir que os adesivos estão na quantidade correta e no local exato; vários lotes de lençóis cirúrgicos submetidos à prova e engenhos que medem a densidade e flexibilidade de cada cola que é produzida na fábrica de Portugal.

No laboratório da unidade que a EXAME percorreu, com direito a visita guiada pelos responsáveis, os equipamentos são todos de topo e têm como principal objetivo replicar as condições dos clientes que procuram a Colquímica. Dessa forma, o desenvolvimento de cada produto é feito no contexto mais próximo daquele em que vai ser utilizado. E é precisamente em Portugal que está sediada toda a parte de investigação e desenvolvimento da empresa, um dos departamentos de que a organização se orgulha particularmente.

Da zona laboratorial passa-se para a produção, e daí para as linhas de embalagem e distribuição, onde o barulho e o cheiro a cola fazem parte da “móvel”. Todas as colas ali produzidas são concebidas exatamente da mesma forma só variando o formato específico, que é produzido em cada linha de acordo com as necessidades de cada cliente. As “big pillows” (*ver imagem no início deste artigo*) são o formato mais vendido.

Na produção e no embalamento, trabalha-se todos os dias da semana, e durante 24 horas por dia, o que exige um pacote de benefícios particularmente bem pensado para manter motivados os trabalhadores e garantir que não se perdem talentos. “Há muitas diferenças nos benefícios, nos vários países, porque as culturas são muito diferentes, e porque os trabalhadores valorizam incentivos diferentes. Por exemplo, na Polónia temos seguros multiriscos, transporte para a fábrica, garantimos acesso a ginásios...” Na Colquímica, os trabalhadores do turno da noite têm também acesso a uma refeição quente, por exemplo, e todos podem receber prémios anuais de, em média, dois salários. “E por acaso até temos mais mulheres do que homens a trabalhar”, diz com um sorriso o CEO da empresa.

DOS PAÍSES BAIXOS PARA O MUNDO

A Colquímica foi fundada pelo pai de João Pedro e Sofia, o engenheiro químico José António Koehler, com a ajuda da sua mulher, que era professora de Química. A família, de origem holandesa e espanhola, diverte-se com a mistura genética que foi sendo deixada de herança – “não se vê logo que sou holandês?“, pergunta divertido João Pedro, antes de revelar que à irmã, Sofia, calharam as parecenças da avó do país vizinho, o que significa que é uma apaixonada por sevilhanas. “E olhe o porte dela? É espanhola!“, ri. Brincadeiras à parte, João Pedro acredita que a família internacional lhes gravou, de alguma forma, no sangue, a vontade de continuar a ir mais longe, agora com os negócios.

Em 2015, uma reestruturação ao nível da administração deixou Sofia e João Pedro como únicos donos da empresa, depois de comprarem as posições que pertenciam aos seus outros dois irmãos. João Pedro estudou Gestão, Sofia dedicou-se à Comunicação, mas ambos conhecem os processos de produção de cola como a palma das suas mãos. Ou não tivessem crescido com eles e com a paixão que ambos os progenitores dedicaram à engenharia química e aos processos.

Na administração contam ainda com Pedro Gonçalves, que é atualmente o responsável por toda a operação nos Estados Unidos da América. Para os Koehler, é certo que gostavam que a organização se mantivesse na família, até porque defendem que isso é uma mais-valia na sua relação com os clientes, mas não sofrem particularmente se o desfecho for outro. O protocolo familiar, aliás, prevê que qualquer membro da família que se queira juntar à Colquímica tenha de ganhar experiência em empresas fora do grupo – tal como fizeram, aliás, os atuais responsáveis – e, portanto, a decisão é total e absolutamente livre.

Numa altura em que a terceira geração ainda terá de crescer mais um pouco para tomar a decisão de continuar ou não no negócio das *hot melts* (assim se designam estas colas industriais), João Pedro e Sofia esclarecem que o grande objetivo é garantir a continuidade do crescimento sustentado do grupo, numa altura em que celebram mais de 30 anos de internacionalização da marca.

55%

Nacional

Atualmente, mais de metade das vendas do grupo é assegurada por Portugal. O cenário deve mudar nos próximos três anos

100
MILHÕES

Faturação

Nos últimos anos, a faturação da Colquímica tem rondado os 100 milhões de euros. E nem a pandemia a abrandou

30%

EUA

A empresa espera que, em 2025, a unidade instalada na Carolina do Norte já garanta um terço da faturação

10
MIL

Metros quadrados

É a dimensão da mais recente unidade da Colquímica, nos EUA



Desde o início dos anos 1990 que a Colquímica aposta fortemente na exportação, com os mercados polaco e alemão no topo dos destinos. Na época, representavam cerca de 40% da faturação. Daí a decidir instalar uma fábrica em Poznan, na Polónia, foi relativamente rápido. O racional foi precisamente o mesmo que o utilizado quando começaram a olhar para os EUA: estrategicamente, era a localização perfeita para chegar aos clientes de toda a Europa, com boas condições de mercado e potencial de crescimento. Desde Poznan, destinos como Berlim, Varsóvia ou Moscovo tornavam-se muito próximos e com custos bastante mais simpáticos para a empresa.

“GREEN BONDS”

Uma cola é uma cola, a maior parte da matéria-prima provém de derivados do petróleo, e não é fácil alterar isto da noite para o

CREATING BONDS



dia, afirmam diretamente os responsáveis do grupo. Mas isso não quer dizer que a sustentabilidade não esteja no topo das prioridades de todos os projetos da empresa e, acima de tudo, de todos os produtos que estão a ser desenvolvidos. “Existem formas de trabalhar com vista a melhorar essa característica. Recentemente desenvolvemos uma nova gama de produtos, a Essence, que tem uma percentagem grande de matérias-primas *bio based*. São matérias-primas [oriundas] de fontes renováveis e não do petróleo”, começa por dizer Sofia. “Quando trabalhamos um novo desenvolvimento, temos sempre como premissa encontrar soluções que sejam mais sustentáveis, e não apenas naquilo que é a matéria-prima base mas na sua aplicação. Colas que precisem de menos energia para serem utilizadas nos nossos clientes são mais sustentáveis, por exemplo. É o que chamamos



Gostávamos de ver uma aposta no equivalente a uma Web Summit da indústria”

João e Sofia Koehler
CEO e vice-presidente da Colquímica

de *low melt*. E também produtos que possam fazer a aderência com a menor quantidade possível”, continua. “Temos objetivos de curto, médio e longo prazos, porque, além da origem dos produtos, há outras dimensões”, avisa, por seu lado, João Pedro. “Porque o nosso produto não está no mercado sozinho, está misturado com embalagens. E temos trabalhado muito para que essas embalagens ou sacos possam ser reciclados juntamente com os nossos produtos. E temos uma cola, por exemplo, que é lavável, que permite que as embalagens sejam recicladas sem ela. Temos outras colas que vão substituir plásticos que iriam parar ao oceano... Creio que há também uma certa confusão do mercado sobre o que é *bio based* em oposição ao que vem do petróleo; sobre os produtos que são reciclados e podem ser utilizados dezenas de vezes e os produtos compostáveis, que podem desaparecer no meio ambiente... e há depois o conceito de biodegradabilidade, para perceber quanto tempo ele se demora a extinguir na Natureza. Tudo isto tem de ser percebido, para entender os esforços e os resultados da empresa”, pede.

O alerta junta-se a um outro que deixam, em jeito de conclusão: a de que os governantes não se esqueçam de que é na indústria que está um dos maiores ativos económicos do País. “Gostávamos de ver uma aposta no equivalente a uma Web Summit da indústria”, atiram em jeito de desafio. Recordam que foi este setor o primeiro a responder durante a pandemia – a própria Colquímica adaptou-se para produzir desinfetantes durante o período do Grande Confinamento –, a mostrar a capacidade de resposta e de adaptação às necessidades, e que é um dos grandes responsáveis por continuar a elevar o nome de Portugal no mundo, seja nas colas que representam, nos sapatos *made in Portugal* que calçam as celebridades, nos pneus que conquistam automobilistas, nos têxteis que ganham as etiquetas de marcas de luxo, no papel ou na cortiça. “Se não produzirmos em Portugal, o que é que nós temos?”, conclui, em jeito de provocação, Sofia Koehler. A “*million dollar question*” que tem de ser feita no ano em que o ministro das Finanças garante que vai conseguir um crescimento do PIB acima dos 4%, ainda que a economia pareça reticente em descolar. ●